

LITERATURA EM CENA: DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**LITERATURE ON STAGE: DECOLONIZING KNOWLEDGE AND THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES****LITERATURA EN ESCENA: DESCOLONIZANDO EL CONOCIMIENTO Y LA PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES**

10.56238/revgeov16n4-032

Aldenora Resende dos Santos Neta

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: aldenora.neta@ufma.br

Ana Cleia da Silva Pereira

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: cleiasp.ana1@gmail.com

Cinthia Andréa Teixeira dos Santos

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: cinthianead@hotmail.com

Josilene dos Santos Sousa

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: josilenesousa1843@gmail.com

Peterson Jacob dos Santos Meili

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: peterson.meili@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a intersecção entre literatura e o processo de descolonização do saber, discutindo como a produção literária pode ser um meio de contestação e reconfiguração das subjetividades. A partir de vozes historicamente silenciadas e marginalizadas, exploramos a literatura como um campo fértil para o pensamento crítico que desafia as estruturas tradicionais de poder e conhecimento. Investigamos a forma como a literatura pode não apenas refletir, mas também moldar novas epistemologias, promovendo diálogos interculturais e problematizando as narrativas hegemônicas. Por meio de uma análise de obras contemporâneas, o artigo busca evidenciar a



importância da diversidade de vozes na construção do conhecimento literário e na formação das subjetividades.

Palavras-chave: Literatura. Descolonização. Subjetividade. Epistemologia. Vozes Marginalizadas.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the intersection between literature and the process of decolonizing knowledge, discussing how literary production can be a means of contesting and reconfiguring subjectivities. Drawing on historically silenced and marginalized voices, we explore literature as a fertile ground for critical thinking that challenges traditional structures of power and knowledge. We investigate how literature can not only reflect but also shape new epistemologies, fostering intercultural dialogues and problematizing hegemonic narratives. Through an analysis of contemporary works, the article seeks to highlight the importance of diverse voices in the construction of literary knowledge and the formation of subjectivities.

Keywords: Literature. Decolonization. Subjectivity. Epistemology. Marginalized Voices.

RESUMEN

Este artículo propone una reflexión sobre la intersección entre la literatura y el proceso de descolonización del conocimiento, analizando cómo la producción literaria puede ser un medio para cuestionar y reconfigurar subjetividades. A partir de voces históricamente silenciadas y marginadas, exploramos la literatura como un terreno fértil para el pensamiento crítico que desafía las estructuras tradicionales de poder y conocimiento. Investigamos cómo la literatura puede no solo reflejar, sino también moldear nuevas epistemologías, fomentando diálogos interculturales y problematizando narrativas hegemónicas. A través del análisis de obras contemporáneas, el artículo busca destacar la importancia de las diversas voces en la construcción del conocimiento literario y la formación de subjetividades.

Palabras clave: Literatura. Descolonización. Subjetividad. Epistemología. Voces Marginadas.



1 INTRODUÇÃO

A literatura, historicamente considerada um espaço de produção de conhecimento, encontra-se em um momento crítico de reavaliação. A proposta deste artigo é examinar como a literatura pode atuar como um agente de descolonização do saber, desafiando as normas e estruturas que moldam as subjetividades. Autores contemporâneos têm enfatizado a necessidade de uma literatura que questione as narrativas dominantes e abra espaço para vozes diversas.

Dessa forma esta que, frequentemente relegada a um espaço de entretenimento ou mera expressão estética, tem se mostrado uma poderosa ferramenta de reflexão e crítica social, especialmente quando analisar questões de conhecimento, subjetividade e poder. O presente artigo propõe discutir o conceito de "Literatura em Cena", uma expressão que visa enfatizar um olhar descolonial sobre a produção literária e suas implicações na formação de identidades, saberes e formas de resistência. A descolonização do conhecimento, proposta por autores como Walter D. Mignolo (2007), se torna imprescindível em um mundo marcado por narrativas hegemônicas que marginalizam vozes periféricas e silenciadas.

A escolha do tema é justificada pela necessidade de problematizar a forma como a literatura tem sido utilizada não apenas como um espaço de criatividade, mas também como uma arena epistemológica onde se constroem e desconstroem saberes e subjetividades. O processo, que se refere a um olhar atento, crítico e interessado nas nuances de nossas experiências literárias, propõe uma reavaliação das concepções tradicionais de literatura e de crítica literária, desafiando-nos a investigar quem detém a autoria e a legitimação do que é considerado saber.

Os objetivos deste artigo incluem: a) analisar o papel da literatura na descolonização do conhecimento, a partir de uma perspectiva inclusiva que abarca vozes diversas, como as de comunidades negras, indígenas e sexo-dissidentes; b) discutir a necessidade de rever a produção de subjetividades em contextos literários e suas implicações sociais; e c) investigar as formas de resistência que emergem nas literaturas que não se enquadram nos paradigmas dominantes.

A problemática central que orienta esta pesquisa é: como a literatura pode atuar como um espaço de descolonização do saber e de produção de subjetividades diversas, desafiando narrativas hegemônicas e promovendo uma epistemologia plural? Compreender essa intersecção entre literatura e conhecimento é fundamental para a construção de um mundo mais igualitário e justo, onde as múltiplas vozes e experiências possam ser ouvidas e respeitadas.

Neste sentido, espera-se que a reflexão proposta neste contribua para uma ampliação das discussões sobre o papel da literatura como um campo de luta e resistência, um espaço onde as subjetividades, tantas vezes marginalizadas, possam se manifestar de forma autêntica e potente. Ao colocar em evidência a urgência de uma "Literatura em Cena", desejamos abrir caminhos para novas



formas de entendimento e valorização de saberes que vêm de diferentes lugares e trajetórias, destacando a importância da diversidade no cenário literário contemporâneo.

2 A LITERATURA COMO CAMPO DE RESISTÊNCIA

A literatura tem se mostrado um espaço não apenas de expressão estética, mas também de resistência e transformação social. Como apontado por Suely Rolnik (2019), as narrativas literárias têm o poder de desestabilizar os padrões convencionais, proporcionando diálogos interseccionais que cruzam questões de raça, gênero e classe. Essa visão ressalta a importância de uma literatura que dê voz a experiências plurais e que critique as estruturas de poder estabelecidas. Assim, a literatura se transforma em um campo de resistência que não apenas reflete a realidade, mas também a contesta e a transforma.

Walter D Mignolo (2018) discute o conceito de descolonização do conhecimento, criticando as epistemologias eurocêntricas. Para ele, é fundamental que a literatura abrace saberes localizados e periféricos, reconhecendo a validade de diferentes perspectivas que emergem de contextos históricos e sociais diversos. Essa abertura é essencial para a construção de um conhecimento literário mais inclusivo e representativo, que valorize as vozes marginalizadas.

A fluidez das subjetividades, como exposta por Judith Butler (2019), propõe uma compreensão de identidades como construções sociais, moldadas através da performatividade. Nesse sentido, a literatura se apresenta como um espaço privilegiado para a experimentação de novas subjetividades e a reimaginação das identidades, desafiando categorias rígidas. Afinal, a narrativa literária possui a capacidade única de explorar processos de identificação e pertencimento de maneira complexa e dinâmica.

Além disso, as produções de autoras contemporâneas que adotam perspectivas indígenas, negras, feministas e queer demonstram que a autoria pode ser uma prática coletiva de resistência. Djamilia Ribeiro (2020) destaca que essas escrituras colaborativas possuem um potencial transformador, contribuindo para um conhecimento literário mais abrangente e plural. O trabalho dessas autoras não apenas amplia o acesso a vozes historicamente silenciadas, mas também promove um espaço para reflexão crítica sobre as estruturas de opressão que ainda persistem em nossa sociedade.

Dessa forma, a literatura não é um campo neutro. Ela se afirma como um locus de resistência, onde as narrativas têm o poder de desafiar e transformar as realidades sociais. Ao amplificar vozes marginalizadas e questionar as normatividades, a literatura se posiciona como uma ferramenta essencial na luta por justiça e inclusão social. Portanto, é imperativo continuar explorando e valorizando a literatura como um meio de descolonizar o conhecimento e potencializar as subjetividades, contribuindo para um futuro mais justo e plural.



A literatura revela-se um espaço potente para a resistência cultural e a reescrita de narrativas. Autores como bell hooks (2015) argumentam que "a literatura é uma forma de resistência que desafia os monopólios de conhecimento". Ao dar voz a experiências marginalizadas, a literatura não apenas narra, mas também constrói novas realidades e subjetividades. Essa perspectiva é corroborada por Rita Segato (2018), que observa que "a literatura pode se tornar um espaço de contestação e reconfiguração de identidades que são frequentemente silenciadas ou distorcidas".

Além disso, a autora Amanda Rossi (2020) enfatiza que "escrever é uma forma de resistência, uma forma de ocupar espaço em um mundo que muitas vezes tenta nos apagar". A literatura, assim, se torna uma ferramenta crítica para a construção de solidariedades entre diferentes grupos, permitindo a emergência de vozes que desafiam a hegemonia e buscam emancipação.

Ademais, a literatura de autores como Suely Rolnik (2019) também ilustra como as narrativas têm o poder de desestabilizar os padrões convencionais e proporcionar um espaço para diálogos interseccionais, que cruzam questões de raça, gênero e classe. Ao trazer à tona essas experiências plurais, a literatura se transforma em um campo de resistência que não apenas reflete a realidade, mas também a crítica e a transforma.

Nesse aspecto o trecho destaca a função social e política da literatura, especialmente na obra de Suely Rolnik. Ao afirmar que as narrativas têm o poder de desestabilizar padrões convencionais, a autora nos convida a refletir sobre como a literatura pode desafiar normas estabelecidas e abrir espaço para vozes marginalizadas.

O conceito de diálogos interseccionais, que considera as múltiplas identidades que uma pessoa pode ter e como essas identidades se entrelaçam, é fundamental para compreender as diversas experiências humanas em sua totalidade. A literatura, ao abordar temas de raça, gênero e classe, revela as complexidades das vivências cotidianas e as injustiças presentes na sociedade.

Além disso, a ideia de que a literatura é um campo de resistência é poderosa, ela não apenas reflete a realidade, mas também a crítica e busca transformá-la. Ao dar voz a experiências plurais, a literatura pode atuar como um agente de mudança, inspirando leitores a questionar e agir em relação às desigualdades. Assim, a obra de Rolnik e outros autores que tratam dessas questões se torna essencial para a construção de um espaço mais igualitário e inclusivo, em que diferentes narrativas possam coexistir e ser valorizadas. Essa multiplicidade de vozes enriquece o panorama literário e social, promovendo uma reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos.

2.1 DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

O conceito de descolonização do conhecimento, desenvolvido por autores como Walter Dignolo (2018), propõe uma crítica às epistemologias eurocêntricas, enfatizando a importância dos



saberes localizados e periféricos. É fundamental, portanto, que a literatura reflita essas novas formas de conhecimento, que emergem de contextos históricos e sociais diversos.

Nesse interim, o conceito de descolonização do conhecimento, conforme explorado por Walter Mignolo, é uma provocação essencial nos debates contemporâneos sobre saberes e suas origens. Ao criticar as epistemologias eurocêntricas, Mignolo nos convida a reconhecer que o conhecimento não é monolítico, mas sim plural e situado. A valorização de saberes localizados e periféricos é crucial, pois cada contexto histórico e cultural traz experiências e visões de mundo únicas que merecem ser ouvidas.

Na literatura, essa descolonização do conhecimento pode se traduzir em narrativas que desafiam as normas estabelecidas e abrem espaço para vozes muitas vezes silenciadas. Autores que trabalham com essa perspectiva não apenas refletem a realidade, mas também a questionam e a transformam, proporcionando uma plataforma para diálogos que cruzam diferentes questões sociais, como raça, gênero e classe.

Diante do exposto, é fundamental que as obras literárias contemporâneas sejam um campo fértil para essa diversidade de saberes. A literatura se torna um veículo de resistência e empoderamento, ampliando a compreensão do que é considerado conhecimento válido e, assim, contribuindo para um mundo mais inclusivo e interconectado. Essa abordagem não só enriquece a literatura, mas também promove uma leitura mais crítica e reflexiva da realidade que nos cerca.

2.2 SUBJETIVIDADES EM CONSTRUÇÃO

As subjetividades não são fixas, mas sim fluidas e em constante construção. Autoras como Judith Butler (2019) discutem a performatividade de gênero e como as identidades se formam através de narrativas. A literatura, nesse sentido, é um campo onde as subjetividades podem ser experimentadas e reimaginadas, possibilitando um rompimento com categorias rígidas de identidade.

Assim, quando se fala sobre a fluidez das subjetividades é extremamente pertinente, especialmente no contexto atual em que as discussões sobre identidade têm ganhado destaque. Judith Butler traz à tona a ideia de que o gênero, por exemplo, não é uma essência fixa, mas sim um desempenho social que pode ser contestado e reconfigurado. Essa perspectiva abre espaços na literatura para a exploração de identidades diversas e complexas, permitindo que vozes marginalizadas sejam ouvidas e reconhecidas.

A literatura, portanto, torna-se um espaço poderoso de resistência e reinvenção, onde as narrativas podem desafiar normas estabelecidas e criar possibilidades de ser e se expressar. Autoras e autores têm o potencial de romper com categorias rígidas e explorar a multiplicidade das experiências humanas, refletindo a rica tapeçaria de identidades que compõem a sociedade. Essa capacidade de reimaginar o eu e o outro é uma das forças mais vitais da literatura, contribuindo para um entendimento mais amplo e inclusivo das subjetividades contemporâneas.



Autoras contemporâneas que escrevem a partir de perspectivas indígenas, negras, feministas e queer trazem novas concepções de autoria. Obras de escrituras colaborativas e coletivas, como as de Djamila Ribeiro (2020), reforçam a ideia de que a autoria pode ser uma prática coletiva de resistência. As contribuições dessas escritoras são essenciais para a construção de um conhecimento literário mais inclusivo.

Nesse interim a contribuição de autoras contemporâneas que se baseiam em perspectivas indígenas, negras, feministas e queer destaca um aspecto crucial da literatura atual: a emergência de novas vozes e formas de narrativa que desafiam as estruturas tradicionais de autoria.

Essas autoras não apenas propõem uma reflexão crítica sobre questões de identidade e poder, mas também criam espaços para diálogos interseccionais que reconhecem as complexidades das experiências humanas. O trabalho colaborativo, como evidenciado nas obras de Djamila Ribeiro, exemplifica como a autoria pode se tornar um ato de resistência coletiva, rompendo com a ideia de que a literatura deve ser produzida apenas por indivíduos.

Essa abordagem amplifica a diversidade de vozes e saberes, proporcionando uma representação mais rica e multifacetada da sociedade. Ao integrar diferentes experiências e contextos, essas escritoras ensinam que o conhecimento literário é, e deve ser, um espaço inclusivo, que acolhe e valida múltiplas realidades. Essa construção conjunta da autoria é fundamental para a luta contra opressões históricas e para a afirmação de identidades diversas, sendo, portanto, um elemento essencial na transformação social por meio da literatura.

A literatura, ao descolonizar o conhecimento, torna-se um espaço de potencialização das subjetividades. Ao amplificar vozes tradicionalmente silenciadas, possibilita uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que moldam nossas vidas. Este artigo destaca a relevância de se continuar explorando a literatura como um campo de resistência e transformação.

O trecho destaca a literatura como um ferramental fundamental na descolonização do conhecimento e na ampliação das vozes que tradicionalmente foram silenciadas. Como afirma Mignolo (2018), é essencial questionar as epistemologias eurocêntricas, promovendo a valorização de saberes locais e marginalizados. A literatura, ao se firmar como um espaço de resistência, se torna um meio poderoso para refletir e criticar as estruturas de poder que regem a sociedade.

Além disso, ao considerar as contribuições de autoras contemporâneas, como Djamila Ribeiro (2020), podemos observar que a prática colaborativa na escrita não apenas desafia a noção clássica de autoria individual, mas também estabelece um espaço inclusivo que reflete a diversidade de experiências e identidades. É nesse contexto que a literatura se transforma em um campo ativo de transformação, permitindo que novas subjetividades sejam exploradas e reimaginadas.

Assim, a literatura não é apenas um reflexo da realidade, mas um agente de mudança que promove diálogos interseccionais e um conhecimento mais plural e abrangente. Em suma, essa



abordagem literária é vital para a construção de um entendimento crítico e nuançado do mundo em que vivemos.

2.3 A INTERSEÇÃO ENTRE LITERATURA E MEMÓRIA

A literatura desempenha um papel crucial na construção, preservação e recuperação das memórias coletivas e individuais, funcionando como um canal através do qual experiências, traumas e histórias são narrados e compartilhados. Através da palavra escrita, autores têm a capacidade de eternizar vivências e realidades que, de outra forma, poderiam ser esquecidas ou marginalizadas. Essa interseção entre literatura e memória é especialmente evidente em obras que abordam contextos históricos traumáticos, como guerras, colonialismos e migrações.

Uma análise aprofundada da relação entre literatura e memória pode ser feita com base nas reflexões de Pierre Nora, que em "Entre Memória e História" discute como a memória é um elemento dinamizado pela narrativa literária: "A memória é vida, sempre revivida no presente; (...) é um aspecto da história que não se pode ter sem o suporte da narrativa" (NORA, 1997). Aqui, Nora sugere que a literatura não só preserva, mas também recontextualiza as memórias, oferecendo às gerações futuras ferramentas para refletirem sobre suas identidades.

O trecho de Pierre Nora, "A memória é vida, sempre revivida no presente; (...) é um aspecto da história que não se pode ter sem o suporte da narrativa" (NORA, 1997), abre um importante espaço para a discussão sobre a inter-relação entre memória e história, enfatizando o papel fundamental da narrativa na construção da memória coletiva e individual.

A afirmação de Nora sugere que a memória não é uma entidade estática, mas um processo dinâmico que se manifesta continuamente no presente. Essa perspectiva enfatiza que a memória não apenas se remete ao que foi vivido, mas é constantemente reinterpretada e recontextualizada a partir das experiências e do entendimento atual. Assim, a memória se torna um meio vital através do qual indivíduos e comunidades dão sentido às suas identidades e experiências.

Além disso, a ideia de que a narrativa é um suporte essencial para a memória propõe que a forma como as histórias são contadas influencia a maneira como lembramos. A narrativa não é apenas uma representação dos fatos, mas molda o significado e a interpretação daqueles eventos. Essa relação é corroborada por diversos estudiosos da área, incluindo Paul Ricoeur, que em sua obra "A Memória, a História, o Esquecimento" discute como a narrativa desempenha um papel crucial na formação da memória cultural e histórica.

A utilização da narrativa na preservação da memória também se conecta com a literatura, que frequentemente serve como um meio de revisão e ressignificação de experiências coletivas. Através da ficção, poetas e escritores podem revisitar eventos traumáticos, questionando as narrativas hegemônicas e oferecendo vozes a grupos marginalizados. Nesse sentido, a literatura desempenha um



papel central na construção de identidades, possibilitando que memórias compartilhem espaço com interpretações múltiplas do passado.

Portanto, a reflexão sobre a memória, como proposta por Nora, destaca a importância de compreender a memória como um fenômeno ativo e em constante transformação, indissociável da narrativa. Essa compreensão é fundamental para a análise das identidades contemporâneas e para o reconhecimento dos processos sociais que continuam a moldar a percepção que temos de nós mesmos e dos outros.

A importância da oralidade também não pode ser esquecida na preservação da identidade cultural. A tradição oral, presente em muitos contextos literários, é uma forma primária de transmissão de saberes e memórias, essencial para comunidades que buscam afirmar sua identidade em um mundo cada vez mais globalizado. Autores como Chimamanda Ngozi Adichie, em "Meio Sol Amarelo", exemplificam essa conexão, ao tecer narrativas que resgatam a oralidade africana frente às imposições coloniais. Adichie ressalta que "narrar nossas histórias é essencial para que possamos entender nosso passado e construir nosso futuro" (ADICHIE, 2006).

Exemplos de obras literárias que tratam da relação entre memória e identidade incluem "Terra Sonâmbula", de Mia Couto, que evoca as memórias de um Moçambique marcado pela guerra, e "O Primo Basílio", de José Maria de Eça de Queirós, que, mesmo em um contexto distinto, aborda a memória e a identidade na sociedade portuguesa do século XIX. Ambas as obras não apenas exploram as experiências subjetivas de seus personagens, mas também refletem as dinâmicas sociais e políticas de seus contextos, ressaltando a ligação entre a literatura e a construção identitária.

Em síntese, a interseção entre literatura e memória é uma temática rica que se desdobra através de narrativas diversas, permitindo que vozes marginalizadas sejam ouvidas e que memórias coletivas sejam não apenas preservadas, mas também ressignificadas. A relevância dessa discussão reside em sua capacidade de iluminar as complexidades da identidade humana e suas relações com o passado, contribuindo para um entendimento mais profundo do presente e do futuro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, exploramos o papel fundamental da literatura na descolonização do conhecimento e na produção de subjetividades. A literatura não é apenas um reflexo da realidade, mas um espaço que permite a subversão de narrativas dominantes, contribuindo para a ampliação de vozes que historicamente foram silenciadas. Como ressaltam autores como Walter Mignolo (2018), é imperativo questionar as epistemologias eurocêntricas e abraçar saberes localizados e periféricos, exclusivamente relevantes para a construção de um conhecimento mais plural e democrático.

Além disso, obras contemporâneas de autoras indígenas, negras, feministas e querer, como Djamilia Ribeiro (2020), demonstram que a autoria pode ser uma prática coletiva, atuando como forma



de resistência e reimaginação das identidades. Este tipo de narrativa propõe diálogos interseccionais que se tornam vitais para o entendimento das complexidades sociais que nos cercam. Em consonância com Judith Butler (2019), reconhecendo a performatividade das identidades, a literatura emergente nos oferece uma nova consciência sobre o papel das subjetividades na formação das relações sociais.

Neste sentido, afirmar que “a literatura é um campo de resistência e transformação” é reconhecer seu potencial de gerar mudança social e crítica. Portanto, ao encerrar este artigo, enfatizamos a importância de continuar a investigar e celebrar essas expressões literárias que não apenas desafiam as convenções, mas também constroem um futuro mais inclusivo e plural. Assim, a literatura se estabelece como um agente transformador, essencial para a construção de um mundo que abrace e valorize as diferenças, promovendo um diálogo rico e diversificado sobre as relações humanas.



REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Meio Sol Amarelo. Companhia das Letras, 2006. NORA, Pierre. Entre Memória e História: A França Recordada. Editora 34, 1997. COUTO, Mia. Terra Sonâmbula. Editorial Caminho, 1992.
- EÇA DE QUEIRÓS, José Maria. O Primo Basílio. Livraria Editora Francisco Alves Ltda, 1878.
- BUTLER, Judith. Gênero em Disputa: Feminismo e a Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, Judith. Corpos que importam: sobre os limites discursivos do "sexo". Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.
- HOOKS, bell. A Invenção da Feminilidade: O Que Aconteceu com o Feminismo? Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2015.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: o que é e o que deve ser. São Paulo: Autêntica, 2018.
- MIGNOLO, Walter. Descolonizar o saber, descolonizar a política. São Paulo: Editora Autêntica, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- RIBEIRO, Djamila. O Que É Racismo Estrutural? São Paulo: Editora Brasiliense, 2020.
- ROLNIK, Suely. Linguagem e vida: ensaio sobre a tese do sujeito. São Paulo: Editora 34, 2019.

